

○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 50\$00. Estrangeiro 80\$00

EDITORIAL

O Quim de Fão, o nosso muito apreciado, temido, implacável, esperado, esconjurado, bajulado colaborador pôs, no outro dia, um problema muito curioso. Ou melhor, ele não pôs um problema, fez antes uma afirmação que implicava uma opção. Dentro do seu ponto de vista uma empresa como a Impetus era muito mais rentável (leia-se útil) que um hotel como o nosso Ofir (nosso porque está cá na terra).

Ora pegando nessa deixa nós fazemos de facto a pergunta: qual será mais importante para Fão: um hotel, ou uma fábrica?

Quim de Fão opta por uma fábrica. E o leitor? E nós? Bem, vamos lá ver. Uma fábrica dá trabalho a mais gente, isso é verdade. Pode resolver o problema de mão de obra de uma região. Também é verdade. No entanto, um hotel, não possuindo uma amplitude tão vasta no que concerne a mão de obra, possui uma maior valência, isto é, afecta positivamente outros sectores de uma determinada zona. Vejamos como. Um hotel emprega também pessoas, embora em menor quantidade. Mas mais importante ou tão importante como isso é a movimentação que a trazida dos hóspedes faz a uma terra. São os restaurantes que rejubilam, os taxistas que esfregam as mãos de contente, é a vida nocturna que se anima, em suma é todo ou quase todo o comércio que apanha uma lufada de ar quente. A terra revitaliza-se.

Agora que se fala tanto em imediatividade, poderemos acrescentar que em termos imediatos uma fábrica beneficia mais gente (operários). No entanto os turistas para além de fazer contas com o hotel que por sua vez paga aos seus empregados (immediatidade), deixa divisas em vários estabelecimentos que visita (benefício mediato), ou seja, o leque dos beneficiados com a indústria hoteleira é mais diversificado.

Depois temos a ver o caso da poluição. Se uma fábrica é poluidora, não nos interessa nada. Um hotel por natureza não é poluente. O caso dos esgotos é irrelevante. Logo que haja saneamento, deixa de ser problema, ao passo que os esgotos das fábricas poluidoras não podem nunca ser canalizadas para os terminais do saneamento.

Em nosso entender pensamos que mais uns dois hotéis seriam necessários em Ofir. A zona solidificava, o afluxo de clientes aumentaria e naturalmente os necessários estabelecimentos de apoio acabavam por aparecer sob a pressão da necessidade.

É claro que de uma fábrica também se precisa. Mas não qualquer fábrica. Somos uma terra essencialmente turística e agora que uma variante vai surgir, temos que ser uma terra que se procure pela sua beleza, limpeza e comodidade (hotéis). Temos que ser um local de chegada e não só de passagem.

O PERFIL DO MÊS

por ARMANDO SARAIVA

MANUEL MARTINS DE LIMA

Vem pelo menos da Idade Média, século XII ou XIII a aspiração do homem em encontrar uma energia que existisse por si mesma independentemente de qualquer força produtiva que gerasse essa mesma energia. Os medievais dispuseram ou souberam já aproveitar no seu tempo a energia eólica, a energia hidráulica e a força das marés. Os engenheiros e sábios desse tempo imaginaram ou conceberam um movimento perpétuo que produzisse em si mesmo a energia para se movimentar. Diz-nos Villard de Honnecourt citada por Jean Gimpel em «A revolução Industrial na Idade Média» que «muitos dias disputaram mestres para fazer guiar uma roda por si só». Essa inquietante aspiração provinha da Índia pois em 1159 um astrónomo matemático, Bhaskara, descrevia duas rodas animadas de movimento perpétuo. A primeira roda, feita da madeira leve tinha a cavidade dos raios meio cheia de mercúrio. A parte da segunda roda era esvaziada, depois cheia de água e mercúrio.

Embora os mecanismos do irrealizável movimento perpétuo nunca tenham podido funcionar, é bom que se saiba que em Fão existiu um homem, Manuel Martins de Lima, pai do P.e Cândido Lima, que igualmente concebeu o motu continuo construindo uma roda e uma roldana mais umas coisas juntas com o fim de essa mesma roda poder girar sem auxí-

lio de qualquer força extra. Também não o conseguiu mas concebeu esse movimento o que nos parece notável. Aliás não foi em vão que os seus contemporâneos lhe aplicaram a alcunha de «sábio». Era de facto um habilidoso marceneiro, muito «engenbocas», e sempre a inventar coisas. As máquinas para trabalhar madeira — serra de fita, torno, serra circular, topia, etc. — foram todas elas concebidas e confeccionadas por si.

Esclarecemos que no seu tempo — nasceu em 1875 e morreu em 1956, mas nós referimo-nos à segunda década deste século — existiam três fábricas de móveis (eram assim chamadas) em Fão: Inácio Gonçalves Turra — Rua da Igreja; António Cardoso Salgado — Rua d'Areosa; Manuel Martins de Lima — Rua Vitor Cordon. Já agora acrescentamos que por essa altura havia duas alquilarias (uma nas Pedreiras, sim senhor), quatro construtores navais (dois nas Pedreiras), quatro cordoarias, três armadores, uma pastelaria, uma doçaria, etc., etc., «Ó Fão antigo/Torrãozinho sem igual...»

Manuel Lima aprendeu a arte de marcenaria com Inácio Turra, já nesta secção referenciado. Com o seu mestre trabalhou na feitura do órgão da Matriz (obra de Inácio Turra) mas posteriormente veio a fazer vários órgãos de igreja, inclusivé as próprias palhetas. Era também afinador de órgãos para o que se deslocava

a diferentes terras. Curioso é que não conhecia um nota de música mas um-ouvido muito sensível e treinado supria essas deficiências todas.

Construiu uma máquina a vapor em miniatura que a aplicou depois a uma embarcação também liliputeana que punha a navegar no rio Cávado. Uma sensação para a época. O gosto pela construção de embarcações adveio-lhe do facto de trabalhar nos barcos dos estaleiros de Fão, especializando-se sobretudo em beques e poliames.

Era um indivíduo excepcionalmente dotado que noutro ambiente e com alguém a orientá-lo teria ido muito longe.

Esqueçamo-nos de dizer que foi igualmente um óptimo entalhador. Já com uma certa idade, retirou-se para casa de seu filho, o P.e Carlos Lima, pároco de Vila-Chã, onde veio a falecer com 81 anos de idade.

NOVA DERIVANTE

Como já foi dito, vai construir-se uma nova variante que passará por Apúlia, Pedreiras e Gandra. Praticamente passará ao lado de Fão. Quem vier de Espanha e quiser entrar na nossa terra terá que sair em Palmeira ou Apúlia. Importa que se faça uma derivação directa para Fão, junto à nova ponte como inicialmente estava previsto. Fão é um polo turístico que deve ser contemplado como tal.

É importante que o povo de Fão se consciencialize deste problema, se junte, faça reuniões e deixe a partidarite de lado.

No próximo número trataremos deste assunto com mais detalhe.

CARTAS DE LONGE

(Continuado da pág. 12)

viver assim antigamente e realizarem-se tantas coisas úteis como nos mostra a história: as Pirâmides do Egipto, a Torre de Pisa, a Torre dos Clérigos, o tecto de nosso Senhor Bom Jesus, o Senhor do Monte, em Braga, etc., etc.

Quando faço uma viagem de avião do Rio a Lisboa, em 10 horas, lembro as viagens de Vasco da Gama, Cristóvão Colombo, Pedro Álvares Cabral, Fernão Dias Magalhães e outros. Quando faço uma ligação directa por telefone sem fio, recordo o cabo submarino de há poucos tempos. Da mesma forma, quando visitei Israel por 2 vezes e passeava como turista, confortavelmente instalado num ónibus, com ar refrigerado, debaixo de uma temperatura de 40 graus, eu me perguntava, como Jesus e seus companheiros faziam viagens entre Nazaret e Cafarnaum ou Tiberíades a Jerusalém, a Belém, a Jericó, etc., a pé ou montados num burrico, e conseguiram realizar coisas que o homem moderno não é capaz de fazer.

E as nossas igrejas em Fão, Hospital, Escola, etc.?

Você lembrou a Belmirinha a ensinar todas as moças de Fão a bordar de graça.

Então eu pergunto: — hoje alguém faria isso?

O progresso transformou de tal modo o ser humano, que ele não tem tempo sequer de pensar nas coisas que tem.

Vivendo numa época em que o homem consegue ficar fora da «Órbita Terrestre» durante um ano, viajando de um lado para outro, numa época em que o computador informa instantaneamente assuntos de grande interesse, ele esquece que uma coisa ainda não pôde alcançar: — o porque ele vive...

E nós que temos a felicidade de conviver com inteligências de outras «DIMENSÕES», que temos contactos e diálogos fora dos planos físicos, lamentamos que com todos esses progressos, a humanidade não a utilize dentro dos princípios ditados pelo Mestre Divino, quando dizia:

Amai ao próximo como a vós mesmos, e fazei aos outros o que desejardes que vos fizessem.

Quero também te dizer que jamais pensei em ver meu nome sendo comentado como «Perfil do mês», pois não tenho mérito nenhum para que o fizesse.

No entanto o meu muito obrigado, mas confesso-te que fiquei surpreso com a referência.

Existem pessoas que ficaram populares em Fão e que poderiam ser lembrados, como o Joãozinho da Teia, o Pirrão, o Pôlainas (ou Pilainas, não sei), o Avelino, etc., e que sem dúvida seriam motivo de fazer reminiscências populares.

Com o nosso abraço amigo

AMÂNDIO CARAMALHO

VIDA SOCIAL

Na cidade do Porto realizou-se em 31 de Dezembro do ano findo o enlace matrimonial de Cláudia Amorim Castro Soutinho com Pedro Filipe Malafaia Baptista.

A particularidade deste casamento está no facto de, quer o noivo quer a noiva, pertencerem a famílias que de há muito se habituaram a considerar Fão como sua segunda terra. Ela, a Cláudia, é filha do Arquitecto Soutinho e neta da nossa colaboradora Cecília Amorim, enquanto que o Pedro Filipe entronca na família Malafaia, de grande vivência fangeira.

Para além dos parabéns à «Vóvó», auguramos as maiores venturas ao jovem casal.

TRÊS POEMAS

(INÉDITO)

Tudo era belo!
As montanhas cobertas de neve
Desafiavam arrogantes as nuvens;
Mas as núvens desceram sobre a Terra
E as montanhas desaparecem!

Teu pé, pequenino como uma abelha,
Esmagou aquela flor de jasmineiro,
(Embora custe a crer!...)
E tu não reparaste
No perfume que ela espalhou!

Uma gota de água
Reflete, ao Sol, a natureza inteira
E ninguém dá por isso...

ABEL M. VINHA DOS SANTOS
(1912-1940)

NOSSA SENHORA DA BONANÇA

FESTAS/1988

RECEITA DO PEDITÓRIO — Lista do Ramalhão, 254.912\$50; Lista Areosa Sul+Praia, 162.850\$00; Lista Pedreiras, 116.682\$50; Lista Areosa Norte, 78.125\$00; Câmara Municipal de Esposende, 50.000\$00; Sr. Alberto Figueiredo (Apúlia), 20.000\$00; Anónimo (Guimarães), 20.000\$00; Hotel Ofir, 12.500\$00; Hotel do Pínhal, 12.500\$00; Lelo Castro (Barcelos), 10.000\$00; Amigos da Póvoa e Outros, 16.300\$00; Peditório da procissão, 21.665\$00; Caixas dos estabelecimentos, 13.200\$00; Estalagem Parque do Rio, 5.000\$00; Anónimo (Fão), 5.000\$00; Estalagem Zende (Esposende), 3.000\$00; Barracas Diversões, 3.000\$00; Café Girassol (Apúlia), 2.000\$00. SOMA, 806.735\$00. Saldo do ano anterior, 208.927\$00. TOTAL, 1.015.662\$00.

DESPESAS — Casa Cibrão - Barcelos - arraial, 180.000\$00; Casa Moreira - Barcelos - iluminação, 100.000\$00; Casa Gaspar Fernandes - Lanheses - fogo, 175.000\$00; Banda de Música Escut. de Barroselas, 150.000\$00; Ranchos Folclóricos, 52.000\$00; Zés Pereiras - Fragoso, 35.000\$00; Tipografia Vieira - programas, 11.500\$00; Licenças Variedades, 2.795\$00; Seguro do fogo (Aliança Seguradora), 3.510\$00; Fogueteiros, 3.000\$00; Licença da G.N.R., 777\$00; Conjunto «FANJUN», 40.000\$00; Táxis, selos fiscais e correios, 6.655\$00; Padres, procissão e missa, 6.500\$00; E.D.P., 8.000\$00; Casa Rufino (andores procissão), 14.040\$00; Flores - andores, 3.150\$00; Transporte Rancho Infantil de Apúlia, 2.000\$00. TOTAL, 803.927\$00

Receitas	1.015.662\$00
Despesas	803.927\$00
SALDO	211.735\$00

AGRADECIMENTO

A Comissão de festas de N. S. da Bonança do biénio 1987/88 vem por este meio agradecer a todo o povo de Fão, aos nossos emigrantes, às empresas hoteleiras, ao comércio local, à Câmara de Esposende, à Junta de Fão e a todas as pessoas que não sendo desta terra tanto nos ajudaram para que estas festas fossem possíveis. Também não queremos esquecer as pessoas que além de terem dado a sua dádiva participaram com flores nos andores e a Fanfarra.

A todos o nosso muito obrigado.

P.S. — A contribuição dos nossos emigrantes está incluída nas listas. Fazemos saber que o dinheiro do saldo se encontra depositado no Banco FONSECAS & BURNAY, Esposende.

Se por acaso houver pessoas interessadas em constituir Comissão, agradecemos que nos contacte.

Fão, 17 de Dezembro de 1988

A COMISSÃO

ÓPTICA *Oliveira*

ALEIXO FERREIRA, LDA.

- RECEITUÁRIO MÉDICO
- LENTES DE CONTACTO
- ÓCULOS DE SOL
- APARELHOS DE PRECISÃO

DE APÚLIA

OBRAS EM CURSO — PONTO DA SITUAÇÃO

— Decorre em bom ritmo a construção do edifício-sede da Junta de Freguesia. Com o encbimento das paredes, a que já se procede presentemente, a obra caminha a passos largos para a sua conclusão. E o edifício vai ser digno de Apúlia e dos apulenses, muitos dos quais ainda não se terão apercebido do que ele pode representar para a ajuda do progresso da sua terra.

— Também se podem considerar concluídas as obras do aqueduto do ribeiro, que nos invernos, ajuda à destruição da praia do «fumado», e que a partir daqui jamais o fará, como sempre acontecia, pois as águas passam agora a ser conduzidas em túnel subterrâneo até ao mar.

O alargamento do terreiro frontal à praia, no mesmo local, com a construção de paredão de defesa, da casa dos Palmetras até ao primeiro moitno, está também concluído, faltando apenas o arranjo do piso que foi «roubado» à praia. Uma boa obra, de muita utilidade, e que nos parece francamente muito bem pensada e construída.

CASAMENTOS

— No dia 8 do mês de Dezembro, último, uniram os seus destinos, os jovens apulenses, Rui Carvalho Alves Pereira, e Maria Irene da Costa Santos, filhos de Manuel Lopes Alves Pereira e de Maria de Jesus carvalho, e de Joaquim Alves Barros dos Santos e Rosa Gonçalves da Costa, respectivamente.

Os noivos vão fixar residência no Canadá, onde o Rui é trabalhador emigrante.

— Também a 17 do mesmo mês, e ainda na Matriz de Apúlia, consorciaram-se os jovens José Manuel Rodrigues da Silva, filho de José Maria Peretra da Silva e de Amélia Mar-

tins Rodrigues, e Sílvia maria veloso Queiroga, filha de Joaquim Alegre Alves Queiroga, e de Maria de Jesus da Costa Veloso.

— Ainda no mesmo dia, e também na Matriz de Apúlia, celebraram o seu casamento, Adriano Ribetro da Silva, filho de Zacarias Alves Ribetro e de Emília Ribetro da Silva, com Maria da Conceição Silva Ramalho, filha de António Passos de Carvalho e de Maria Irene Costa da Silva.

— No mesmo dia, também, ainda na Matriz de Apúlia, celebraram o seu enlace matrimonial, Abílio Eiras Carreira, filho de Manuel Alves Carreira e de Ondina Amorim Fernandes Eiras, e Maria da Conceição Novais Martins, filha de João do Vale Martins e de Maria Alice Novais.

ÓBITOS

— Na sua residência do lugar de Paredes, faleceu no dia 4 de Janeiro, o senhor José Cardoso Machado, de 62 anos de idade, filho de António Fernandes Faria e de Maria Fernandes de Eiras Torres.

O extinto era casado com a senhora Maria Domingues Gomes.

— A 23 do mesmo mês, no lugar da Areia, faleceu o senhor Zacarias Rodrigues Carvalho, de 82 anos de idade. Filho de Júlio Rodrigues Carvalho e de Maria Fernandes Ribetro. Era viúvo da senhora Alexandrina André de Faria, falecida em 1978.

— No lugar da Igreja, e com a propecta idade de 87 anos de idade, faleceu o senhor Istáro Alves Correia, natural da freguesia da Aguçadoura, Póvoa de Varzim, filho de Martinho Alves Correia, e de Maria Pires dos Santos.

— Em França, onde trabalhava, faleceu em condições estranhas, o nosso conterrâneo

Floriano Carvalho de Lemos, solteiro, de 29 anos de idade, filho de António Gonçalves Lemos e de Maria Fernandes Carreira.

Foi sepultado no cemitério de Apúlia. Refira-se que já é o terceiro filho deste casal apulense que morre em condições trágicas.

FUTEBOL

— Não há dúvida que o Grupo Desportivo de Apúlia, tendo em atenção a carência técnica e numérica do seu plantel, vai muito bem no campeonato Regional da 2.ª Divisão da Associação de Futebol de Braga.

Ainda agora em duas deslocações seguidas a casa de dois dos mais credenciados adversários, o nosso representante conseguiu dois precisos empates, que lhe vão dar alguma tranquilidade para as jornadas seguintes.

CARNAVAL

— Quando escrevemos é Carnaval. Em todo o lado se encontram mascarados. A noite morna, a brisa temperada da Primavera, que este ano veio mais cedo, permitem aos foliões, a maioria crianças, a dar largas à sua alegria.

As incertezas, as agruras, e até as privações, regressarão só no dia seguinte, com a Quarta-Feira de Cinzas.

A farsa chocarreira e a crítica das coisas e dos costumes, em nada mudará os que, ao contrário daqueles que se encontram pelas ruas boje, usam máscaras todo o ano.

CONSELHO DE ARBITRAGEM DA ASSOC. DE F. DE BRAGA

O Conselho de arbitragem da A. F. de Braga, leva a efeito uma homenagem a Fortunato Azevedo, pelo facto de ser o primeiro árbitro bracarense a atingir a internacionalização.

O acto realiza-se no dia 18-2-89, pelas 19,30 horas, com um jantar no Hotel Turismo - Braga.

As inscrições para o mesmo devem ser feitas até ao dia 15-2-89, para este Conselho.



Instalações definitivas

Esta é a sede definitiva dos seus negócios na **PÓVOA DE VARZIM**

As instalações definitivas do BCI na Póvoa de Varzim são um excelente local para tratar dos seus negócios. Uma equipa de profissionais competentes coloca ao seu dispor um amplo conjunto de serviços

e a mais avançada tecnologia bancária. Oferecemos soluções com rapidez, discrição e eficácia num atendimento personalizado. Visite-nos na Praça do Almada. Teremos todo o gosto em recebê-lo.



Banco de Comércio e Indústria, S.A.
um Banco de soluções

AINDA O CASO DO PARQUE AUTOMÓVEL DO HOTEL DO PINHAL

DO SR. ARQUITECTO JÚLIO DE OLIVEIRA RECEBEMOS OS DOIS DOCUMENTOS QUE SE PUBLICAM NA ÍNTEGRA

À PRESIDÊNCIA DA CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE

Ex.ma Senhora Presidente:

A RIOTUR - Sociedade de Turismo do Parque do Rio, SA, proprietária do complexo Hotel Parque do Rio e referindo designadamente a ESTALAGEM, vem muito respeitosamente junto de V. Ex.ª, com motivo na circunstância de ter sido publicamente afirmado no Jornal «O Novo Fangueiro» de 10/11/88, pelo proprietário do Hotel do Pinhal, sr. Aníbal Soares que: «O esgoto do saneamento da ESTALAGEM É VAZADO DIRECTAMENTE PARA O RIO CÁVADO e obviamente motivo de poluição e mau cheiro que o vento Norte leva até ao seu hotel...»

Dado que o esgoto sanitário está canalizado para uma rede de fossas sépticas devidamente dimensionadas e implantadas a mais de 50 metros da margem do Rio e em terreno arenoso, não existe qualquer possibilidade de vazamento poluente.

Há na realidade um esgoto para o Rio, mas das PISCINAS que naturalmente não tem qualquer efeito poluente e com mais forte razão porque a água captada em poço filtrante é tratada por uma estação de cloro líquido e não por detergentes.

Todas estas instalações mereceram, ao tempo da Junta Sanitária de águas, onde o projecto deu entrada, e na pessoa do seu Director, o sr. Eng.º Ângelo Caldeira Prazeres, a melhor atenção, tendo esta mesma Entidade acompanhado o devido processo de construção e mandado proceder à análise das águas não só da captação para as piscinas, bem co-

mo do poço de alimentação para Serviços Anexos, que ainda hoje alimenta a Estalagem.

Neste contexto vem junto de V. Ex.ª requerer se digne mandar verificar por competente vistoria técnica e sanitária e verificar o seu estado de salubridade.

Certos da melhor atenção de V. Ex.ª, e com os nossos melhores cumprimentos.

Ofir, 24 de Novembro de 1988

RIOTUR

Sociedade de Turismo do Parque do Rio, SA

UM ADMINISTRADOR

Júlio José de Oliveira, Arquitecto

★

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE

AUTO DE VISTORIA

Aos dezanove dias do mês de Janeiro de mil novecentos e oitenta e nove, pelas onze horas e em cumprimento da deliberação tomada em reunião de 29.12.88, deslocaram-se os peritos nomeados pela Câmara Municipal, delegado de saúde, dr. António Fernandes Torres, Eng.º Chefe da DTOU, João Ribeiro Pereira de Barros e Eng.º Técnico Almôr Costa, para procederem à vistoria requerida pela empresa RIOTUR - Sociedade de Turismo do Parque do Rio em Ofir, ao sistema de Saneamento da Estalagem propriedade dessa sociedade.

Da vistoria realizada, extraem-se as seguintes conclusões:

1. O sistema de saneamento e desembarço de águas residuais da estalagem Parque do Rio é constituído por dois conjuntos de fossas sépticas devidamente compartimentadas e estanques, providas dos respectivos poços sumidouros ou absorventes;

2. Os acima referidos poços sumidouros localizam-se a mais de 50 metros da margem do Rio Cávado, em terreno arenoso, e não dispõem de qualquer ligação ou canalização que venha a desembocar no mesmo rio;

3. Existe um sistema de escoamento das águas da piscina, completamente separado e distinto do sistema referido em 1, e que serve unicamente a mesma piscina, como foi aliás verificado «in loco» pelos signatários.

Divisão Técnica de Obras e Urbanismo, 25 de Janeiro de 1989

OS PERITOS

DOENTES

Foi submetido a uma intervenção cirúrgica numa casa de Saúde do Porto o nosso prezado amigo Prof. Mário Ramiro Dias Ferreira.

Felizmente tudo correu pelo melhor e assim já o pudemos ver um dia destes a fazer as palavras cruzadas no «Sr. João».

Que tudo continue bem.

★

Também já se encontra em franca recuperação o nosso estimado assinante Amândio Cardoso da Silva atingido há dias por um acidente cardíaco-vascular.

Internado no Hospital de Barcelos veio de seguida para o de Fão, tendo já recebido alta.

Desejamos um pronto restabelecimento.

CONCURSO DAS HABITAÇÕES DOS «LÍRIOS»

UM ERRO PREMEDITADO

O concurso para atribuição das habitações do «Conjunto Habitacional dos Lírios», nesta vila, constituiu sem dúvida um escândalo de gestão autárquica, tão claro e expressivo que encherá de vergonha, se ainda a houver, todos quantos se responsabilizaram publicamente por esta situação.

O que consideramos em causa é obviamente todo o processo que desencadeou este «Concurso», que de concurso nada tem, em que as regras de jogo não eram exactamente as que estavam escritas no regulamento e que respeitavam o espírito do legislador, mas sim outras, conhecidas apenas pelo sr. presidente da Junta e não contestadas pelo vereador dr. António Nogueira e que baseavam alguns propósitos pessoais como a análise de alguns documentos pode esclarecer.

Se analisarmos a data do edital e a confrontarmos com o comportamento de alguns concorrentes que antes dela já tratavam da documentação necessária, facilmente entenderemos as razões de tanta pressa, porque afinal duma corrida se tratou, e fácil é saber quem foi o «treinador».

Vítimas de toda esta trama foram sem dúvida os concorrentes, na maioria pessoas carecidas de habitação e que durante o período de inscrição se movimentaram para responder ao solicitado, com largas perdas de tempo, horas de espera, favores pedidos, ansiosas pelo dia do sorteio que lhes trouxesse a «sorte» de uma oportunidade que deveria ser igual para todos os interessados.

Mal tal facto não aconteceu.

Os que primeiro trataram da documentação (e alguns começaram antes de sair o edital) foram os contemplados, desrespeitando assim as normas de um concurso que referiam claramente sorteio das habitações, não por nome mas por número de inscrição. Num saco os T3, noutro o número de inscrição dos candidatos aos T3.

A coisa mais simples do mundo a que até uma simples inocente criança se habituou já, quando de sorteio se fala.

Curiosamente toda esta situação motivou logo a demissão do vereador Fernando Cepa que integrava a Comissão responsável e hoje é claro o reconhecimento de um erro escandaloso e premeditado.

Albetos a esta situação estão alguns contemplados, carecidos como todos (?) os outros concorrentes e que agora vêm com apreensão a concretização do seu sonho.

por outro lado, os não contemplados sentem-se burlados nas suas expectativas e desencadearam já um protesto junto da Câmara Municipal alertando para irregularidades de inserção de alguns beneficiados e que são do conhecimento público e fazendo sentir a desigualdade de oportunidades visíveis em todo este processo.

Certamente que muito ainda se escreverá sobre o Conjunto Habitacional dos Lírios, obra cujo custo ultrapassou o dobro do que estava previsto por erros vários de gestão.

Alguns dos efeitos deste processo vão sentir-se dentro dos próximos anos e não faltará quem esfregue já as mãos pela dificuldade que alguns vão sentir em assumir os pesados compromissos bancários.

Mas em Fão é assim e por isso está assim!

M. V.



ENTRE PINHAL E MAR,
JUNTO AO RIO...

É na Costa Verde, em pleno coração do Minho, na orla do frondoso pinhal de Ofir e frente ao belo estuário do Rio Cávado, a escassos minutos a pé do extenso areal da praia de Ofir.

É nesta soberba paisagem, uma das mais belas do país, onde a fragância dos pinheiros se une ao ar marítimo, impregnado de iodo, ambiente ideal para repousar e passear, que se ergue o

HOTEL DO PINHAL ☆ ☆ ☆

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE
TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857
(nova Gerência pelos proprietários)

Um hotel de 1.ª classe. Com quartos. Bares. Restaurantes com especialidades minhotas. Terraços. Jardins. Relvados. Piscinas. Ténis.

PÁGINA JOVEM

Olá, jovens! Hoje a vossa página está de parabéns: completa o seu 1.º aniversário. E, tal como desde o início, ela continua aberta à vossa colaboração, receptiva ao vosso interesse: colaborai!

ENTREVISTA

(Continuado do número anterior)

Ent. — Quer descrever-nos as acções e apoio que o F.A.O.J. de Braga executou no ano em que estamos?

M.B. — No âmbito das actividades que este ano o F.A.O.J. desenvolveu, foi pôr em prática todos os programas lançados pelo Ministério da Juventude. Nomeadamente no âmbito da inserção social dos jovens, no âmbito da formação profissional, no âmbito, inclusivé, da própria ocupação dos tempos livres. Para além de incentivar a criatividade no âmbito cultural e desportivo. Além disso desenvolvemos projectos da inteira responsabilidade do sr. ministro do gabinete adjunto e da juventude, como por exemplo, programa O.T.L., programa novos valores da cultura, e muitos mais programas. Não podemos esquecer também o programa OTL, e o programa Infor-Jovem. dependente da F.A.O.J.. Temos algumas actividades a salientar: a formação de dirigentes associativos, cursos de fotografia e algumas actividades ao ar livre como sejam a organização de acampamentos e os campos de trabalho de férias.

★

FOI CRIADO O 1.º CENTRO DE APOIO À JUVENTUDE

Ent. — Diga-nos se a curto prazo o sr. delegado tem previstas algumas acções no concelho de Esposende?

M.B. — As acções previstas para o concelho de Esposende dependerão muito da colaboração prestada pelas autarquias locais.

Posso dizer que em Esposende esta colaboração tem sido bastante boa com a Câmara Municipal. Há bem pouco tempo foi criado o 1.º Centro de Apoio à Juventude.

Ao nível e dentro do concelho estamos a apostar fortemente em imensas actividades a salientar: a inscrição de associações juvenis no registo nacional, o centro infor-jovem a funcionar com a colaboração directa da Câmara Municipal.

Ent. — Falemos agora das relações do F.A.O.J. com os jovens estudantes. Como é que o F.A.O.J. de Braga faz chegar a informação das iniciativas programadas por ele ou pelo Ministério da Juventude que funciona junto das escolas?

M.B. — Desde o dia 26-10-88 que está em funcionamento o Centro de Informação Nacional para a Juventude que funciona assente num sistema de dados com terminais ligados a todos os distritos onde será armazenada toda a informação útil aos jovens desde as questões ligadas à formação profissional, ao ensino às carreiras, à droga, problemas que neste momento afligem juventude. Todas as notícias que consideramos de interesse para os jovens são publicadas numa folha informativa.

(Continua)



Desenho de ISABEL M.

PAUSA PARA SORRIR

Um vendedor a uma recepcionista:

— O meu patrão está?

A empregada abre uma porta, volta a fechá-la e responde:

— Não está.

— E a que horas virá? — volta a perguntar o homem.

— Não sei. Quando o meu patrão manda dizer que não está, nunca se sabe a que horas volta. — Responde, distraída, a empregada.

★

Num estabelecimento. Um cliente, muito distraído, olha hesitante para os artigos expostos. Um empregado, solícito, dirige-se a ele:

— O que deseja o senhor?

— Se quer que lhe diga não sei. Esqueci-me completamente. Mas olhe: dê-me qualquer coisa que se pareça com o que eu queria...

★

A patroa entra inesperadamente na cozinha e encontra a empregada a beber um cálice de vinho do Porto, descontraidamente.

— Francamente, Josefa, estou admirada! — exclama a senhora.

— Também, eu minha senhora — responde a criada. — Julguei que tivesse saído.

★

Num exame, na Faculdade de Medicina:

O professor: — O que é um defluxo?

O aluno: — É uma tempestade dentro do nariz...

DESABROCHAR

Deixarei no mundo

A marca indelével do meu sorriso.

A contradição

entre o «eu» presente

E o «eu» passado.

Deixarei

O brilho omnisciente do meu olhar,

O temor do meu peito.

A calma turbulenta dos meus sonhos

E um ideal de vida inexistente.

Deixarei

Sem mágoa e sem pena

A imagem deturpada

De um querer e possuir.

Uma lágrima salgada

Um bramir de sentimentos ocultos.

Assim é a penumbra luminosa do meu olhar.

Assim é o suspiro vadio do meu sorriso.

Como a água corrente

Que se esquece de passar,

É a Primavera que chega

Em nome do Outono.

Assim é o espaço

Onde guardo as minhas lembranças

Dum passo passado que não existiu

E o que me fez chorar.

É assim que eu recordo

Este meu presente.

Ah! Que bastem os gritos e as memórias

Dos sonhos perdidos!

Que a dor se esqueça de sentir

O momento agri-doce

Da sua oração de sonho.

Tudo tão infantil em mim,

Que sinto por vezes

A idade dos cinco anitos mal completos...

Felizmente que esta minha infância

Encontra e deslumbra certos espíritos

Esfomeados de meiguice e de ternura.

Talvez digam

Que em mim a criança é visível...

Serei assim tão pouco mulher,

Ou até um coração de criança tem cicatrizes?...

Sim. Creio que sim.

Pois apesar desta minha ingenuidade,

Deste meu olhar angelical,

Guardo a rudeza da vida

E as chicotadas do tempo.

A vontade reprimida

De desabrochar para o Amor!...

NINFA DO CÁVADO

ESTA FOLHA TEM O PATROCÍNIO DE

Impetus

AO CAIR DA FOLHA

Diz-se frequentemente, e com razão que a História é a memória de um povo, e os seus monumentos, são páginas dessa mesma História.

Qualquer atentado contra esses marcos é o mesmo que a destruição das folhas do livro da História.

Há algumas dezimas de anos atrás, existiu no lugar de S. Paio, um barracão, ou *coberto* como lhe costumam chamar, pertencente à família marinhas, e que era utilizado para guardar os utensílios da lavoura.

Era uma construção bastante simples mas os seus cunhais eram em cantaria lavrada, ostentando na sua fachada, um antigo brasão. Portanto, tudo indicava que há muitos anos atrás, aquilo tinha sido muito mais do que um simples barracão para guardar apetrechos de lavoura.

Hoje nada existe no local que indique ter existido ali qualquer construção. Mas, sempre que lá passo vem-me à memória o fantasma da velha construção, com o respectivo distintivo brasonado.

A maioria das pessoas já não conheceu o barracão a que me refiro mas os mais idosos, esses sim.

Movido pela curiosidade e pelo interesse pelas coisas da terra, procurei o mais velho descendente da família marinhas e perguntei-lhe se ele se recordava do antigo brasão que existia no tal barracão que pertencia à família.

Ele foi peremptório em afirmar que sim.

REENCONTRO

*Tornei a acabar o meu caminho antigo
Que perdi na confusa encruzilhada,
Surgiu de novo o sol claro e amigo,
E a noite transformou-se em alvorada.*

*E vieram as pombas das alturas
Transportando alguns ramos de oliveira,
E do lodo brotaram rosas puras,
Deixando perfumada a terra inteira.*

*Nasceram vinhas, prados e jardins,
Adejaram abelhas, borboletas,
Tornaram-se as crianças, querubins
E os bomens eram todos já poetas.*

*As árvores cobriam-se de flores,
Com promessas de frutos saborosos,
E na mata uma orquestra de cantores
Tornou os ventos mais harmoniosos.*

*Pela celeste abóbada avançou
Uma luz misteriosa e transparente,
E nos humanos corações deixou
Aquela paz que busca toda a gente.*

*Eram bandeiras brancas a acenar
As nuvens brancas a acenar
As nuvens com seu ar primaveril,
Tinba o rio grinaldas de luar
E no mês de Novembro foi Abril.*

*E ao ver a Natureza transformada,
Cheia de cor, de luz, de paz, de encanto,
Enchi contente, toda a minha estrada
Do mavioso o meu antigo canto.*

*Meus pés, mais do que andar, já são caminho,
É amor e não sangue o coração,
Os meus braços são asas cor de arminho
E toda a minha boca uma canção.*

*Agora já caminho sem perigo,
Por entre espinhos, pedras, matagais,
E no meu rasto trã nascer o trigo
Que bá-de matar a fome dos demats.*

Existia lá não só o brasão como também uma cruz, pois aquilo tinha sido a capela de S. Paio, padroeiro de Fão, e que deu o nome ao lugar.

Perguntei-lhe se sabia o destino do brasão. respondeu-me que quando demoliram a construção, ele estava no estrangeiro e portanto nada sabia.

Procurei a confirmação junto das pessoas daquele tempo, tendo-me sido confirmado ter ali existido a Capela de S. Paio.

Na época o povo não estava sensibilizado para a preservação do património histórico. E assim foi arrancada e destruída uma página da história da nossa terra.

Seria bom que o povo de hoje aprendesse a lição e jamais permitisse a repetição de tais actos.

Fão exige isso de todos nós.

JOSÉ RAMOS DA SILVA

CANOAGEM

Encontra-se em estágio em Melres o campeão de canoagem Belmiro Penetra, em preparação para o Campeonato do Mundo e para os futuros Jogos Olímpicos, a realizar em Barcelona em 1992.

Fazemos votos que tire o máximo proveito desse estágio. Belmiro: os fangueiros estão com os olhos pontos em ti...

REPARAÇÃO – PRECISA-SE

Perto do início da ponte, do lado direito, havia uma platibanda de pedra que defendia os peões de uma eventual queda sobre os terrenos adjacentes, situados a nível inferior.

Em tempos, um camião derrubou a referida platibanda, que até hoje não foi reconstruída.

Por que se espera? Que alguém caia lá abaixo?



Encontro de empresários organizado pela SERVEMPRESAS

«Bem-vindos a este encontro que esperamos corresponda às vossas perspectivas. Estamos a tentar partilhar os nossos conhecimentos convosco e a aprender com as questões que hajam por bem fazer-nos. Neste período de transição fiscal, o chamado Imposto Único deve estar no centro das nossas preocupações empresariais e, porque o modo de satisfazer as nossas obrigações fiscais e contabilísticas foi alterado, convém estarmos, todos, atentos aos prazos e formas do correspondente cumprimento!»

Foi com estas palavras que o Director da Servempresas, o nosso amigo dr. Martins de Oliveira, se dirigiu aos participantes do encontro de empresários do Distrito de Braga, realizado em 21 de janeiro último, numa carta do Director que se encontrava dentro da pasta sóbria mas elegante que foi distribuída no início da reunião.

Foi uma reunião bem conseguida que teve por objectivo básico o estudo do IRS na sua aplicação prática.

Para melhor esclarecimento vamos revelar ao leitor os temas das principais intervenções constantes do Ordem de Trabalhos:

— Introdução ao Imposto Único (IR), por Luís Alberto de Oliveira.

— Imposto Único (IRS), por Francisco Barros Lima.

— Imposto Único (IRS), pelo dr. Martins de Oliveira.

Todas as intervenções foram bem explanadas e seguidas com muito interesse pelos presentes, que ultrapassavam, em número, a centena.

Não há dúvida de que para resolver as questões suscitadas pela aplicação dos novos impostos quase é preciso uma formatura... Daí a adesão e o entusiasmo que este encontro mereceu.

Apenas um «senão», meu caro dr. Martins de Oliveira: Na pasta a que já fizemos referência, além da carta do Director, de um inquérito e de uma série de informações, numeradas de 1 a 3, seguidas de exemplos práticos, vinha também um calendário para 1989. Na face anterior, apresenta uma artística fotografia da Ponte da Arrábida. Porque não a Ponte sobre o Cávado?

Vida Cultural

A Câmara Municipal e a paróquia de Esposende levaram a efeito um concerto de Música Clássica no dia 23 de Janeiro último, na Igreja Matriz de Esposende, com os solistas José Oliveira (canto), Shirin Lim (violino), Teresa Rocha Allum (violoncelo) e Felipe Silvestre (cravo).

No dia 5 do corrente mês, a Câmara Municipal de Esposende e a Confraria do Senhor Bom Jesus de Fão realizaram um concerto de Música Contemporânea, com os artistas Jorge Peixinho (piano), Teresa Rocha Allum (violoncelo) e Jorge Trindade (clarinete).

Quer num quer noutra Templo, o espectáculo e o público foram dignos um do outro.

Ainda bem que nesta vertente a insânia da política não faz destroços... Tudo de acordo com os acordes.

PONTOS DE VISTA

por QUIM DE FÃO

— A poluição do Cávado, levada ao Parlamento.

Uma delegação de autarcas foi até Lisboa apresentar uma «denúncia» do rio Cávado poluído. Nessa delegação incluíam-se autarcas fangueiros. Sim senhor! Parabéns. Temos quem nos defenda. Temos quem atire pedras ao telhado do vizinho.

— Mas os meus parabéns seriam mais profundos e não tão irónicos se eu não soubesse e todos os fangueiros o sabem que alguém autorizou ou permitiu ou deixou canalizar a água azulada para a sargata que vai desaguar no Rego da Cruz.

— Alguém permitiu que as fossas dos nossos restaurantes desaguem no Cávado e alimentem os peixinhos...

— Algém permite que na sala de visitas de Fão - Cortinhal cheire mal em dias de calor... e maré em baixo.

— «Se queremos limpar a casa, podemos e devemos começar pela nossa». Caso contrário, somos apenas fogueteiros de cujos foguetes as bombas nos estouram nas mãos.

— Mas já que falamos de poluição, quem ainda não viu a cloaca? que se levanta do lado de Gandra?

— Os meus fangueirinhos — já não há fangueiros — vão usar máscaras, muito em breve. É como a história do elefante: «Se um elefante incomoda muita gente gente, dez mil incomodam muito mais».

— Se um traque incomoda muita gente... dez mil a traquear para o mesmo buraco... vão incomodar muito mais.

— Cheiros e água fétida vão ser o pão-nosso-de-cada-dia na nossa vila. A não ser que engarrafem os cheiros e exportem o «líquido fedorento» para outras bandas.

— Ou esta E.T.A.R. vai ser diferente daquelas que conheço? Alguém nos poderá esclarecer, para ficarmos em paz e não tocar mais no assunto?

— Pobre Fão! Que Te matam! Quando «ressuscitarem» os mortos, que tanto fizeram por ti?

— Morreram os «Amigos de Fão» que animavam as noites de Verão.

— Morreram as serenatas... morreram as Tertúlias...

— Morreram os convívios... já nem má-língua há! Ao que isto chegou!

— As noites fangueiras são um autêntico deserto. Nem viv' alma nas ruas. Cafés, fechados. Casino, às moscas.

— O que é feito dos fangueiros? Parece-me que há um grande fosso entre os «novos» e os «velhos». Uma geração foi desaparecendo, aquela que hoje andaria pelos sessenta a oitenta anos. A outra que devia receber o testemunho — a tal dos trinta aos cinquenta — não existe.

Sabem porquê?

— Politiqüices... partidárites... arranjos e vingançazinhas fizeram uma tal ferida em Fão que hoje já ninguém quer levar o tal pontapé no traseiro, como há bem poucos anos aconteceu.

— Ou Fão leva um abano — sem política à mistura — ou façamos-lhe o enterro.

— Já só nos resta a Santa Casa para nos «asi-

larmos». Única tábua de salvação desta terra quando nos queremos comparar aos vizinhos. Mais nada nos resta...

— Crie-se um movimento despolitizado. Amarremo-nos à Sopete, à Sofir para que invistam em Fão. Para que façam da nossa terra um grande centro de Turismo. O que existe não é nada. Só para quem nunca saiu daqui é que julga Fão, uma terra de Turismo.

— Diz-se que a Sofir foi revitalizada. Há que apoiar as suas iniciativas. Tragam obras! Tragam projectos! Tragam investimento! Aproveitem a maré-de-eleições! Há pinhal para dar e vender! Para «ares» e «construções».

Apúlia avançou... sem pensar em cortes de pinheiros. Vejam Cedovém. Os loteamentos multiplicam-se e nós ficámos-nos pelo «pulmão» e pelos pinhelinhos que são tão bonitos para pique-nicar e dormir uma soneca.

— Mário belo vai a título gracioso — de borla — dar lições de Guitarra aos nossos jovens, com apoio da Junta e da Câmara, nas instalações da Escola Amorim Campos.

— Se Esposende já tem uma Escola de Música participada pela Câmara, onde os professores auferem os seus salários, por que razão, quando alguém em Fão faz alguma coisa há-de ser de «borla»?

— Então o Mário, instrumentista encartado, não terá direito a um salário, como os de Esposende?

— É que, para alguns, a categoria mede-se pelo salário que se ganha...

— Segundo vozes do povo, o mercado fangueiro está para breve. Quem lhe dará vida, depois? Meia dúzia de velhinhas que vão à praça ao sábado?

— Só aceito um grande mercado se me disserem que em Fão vão ser construídas mais mil habitações. que cerca de cinco mil habitantes vão permanecer em Fão cerca de trezentos dias por ano.

— Será que vamos ter uma enxurrada de brasileiros?

— De Angolanos e Moçambicanos, já tivemos. São sempre bem-vindos, desde que ajudem ao progresso da nossa velhinha e doente terra.

— Novas placas toponímicas, melhorou o «decor». Mas poderiam ter levado, nas ruas principais, o brasão de Fão, se é que já há brasão. Veja-se o modelo de Esposende.

— Também poderiam ter sido todas substituídas e não só algumas.

— Esperamos que desta vez não seja esquecida a recolocação da placa toponímica que pela calada da oite foi roubada e que dá o nome à antiga rua de Goa. Não se esqueçam os autarcas que o nome actual foi votado pela maior Assembleia popular que jamais em Fão se realizou. Estávamos cerca de duzentos fangueiros e o pedido fora subscrito por cinquenta senhoras de Fão, antigas alunas da homenageada, ou será que o autarca guarda aquela rua para se auto-homenagear? Não creio. Isso é má-língua. Creio sim, que desta vez a placa toponímica vai para o sítio.

— Foram infelizes, os representantes dos nossos partidos e que em assembleia de freguesia, escolheram os novos nomes para o pinhal.

— Assim em vez de «Rua dos Barcos», propomos «Caminho Volta das Lanchas».

— Em vez de «Rua dos Pinheiros», um nome de um pioneiro de Ofir, era uma forma de agradecimento. algumas sugestões:

— Daniel Constant que sempre lutou e publicitou o engrandecimento de Ofir, na sua página do Janeiro «Turismo e gastronomia».

— Constantino Esteves; Arquitecto Júlio Oliveira — cada um à sua maneira ajudou a construir a marca «Ofir».

— «Amigos de Fão» a quem devemos muito pela promoção de Fão dos anos 40 a 60.

E não se deveria esquecer um cantinho, travesa ou rua para «Sampaio e Castro». Esta família puxou para Fão dezenas de outras famílias que durante três meses animavam Fão, com festas e múltiplas ajudas, sobretudo nos anos 40 a 70, tal como os Amigos de Fão.

Que a memória não seja curta...

CONGRESSO DA APAVT

(Conclusão)

Trazemos hoje a público as considerações finais sobre o Congresso de Turismo realizado em Ofir de 9 a 12 de Outubro.

Lembramos a intervenção de Cabrita Neto, Governador Civil de Faro e um *expert* de turismo. Insistiu sobretudo num turismo de qualidade. Muitos conterrâneos que sujam o pinhal, contaminam as águas do rio, destroem árvores, emporcalham as ruas deviam ouvi-lo. O Algarve ainda tem a água quente para compensar. Nós possuímos as belezas naturais que a todo o custo devemos preservar.


Concludente foi o tema básico de José Victorino, um homem também do Algarve e do Turismo. «É indispensável ter um bom produto mas não basta ter um bom produto». É preciso saber vendê-lo e servi-lo em boas condições.

Subsistem boas perspectivas para o turismo do futuro. Temos que ter em conta o alargamento do poder económico do Pacífico. Por sua vez as férias começam a ser compreendidas como um gasto essencial em países com rendimentos elevados, o que beneficia o turismo e a hotelaria. As férias pagas, os casamentos e nascimentos para mais tarde permitirão uma maior possibilidade financeira e tempo para viajar.

A automatização das agências de viagem veio facilitar e simplificar ao máximo as viagens, quer elas sejam de turismo ou de negócio. Um cliente abeira-se de uma agência de viagens e em segundos fica sabendo que meios de transporte pode dispôr até atingir o seu destino. Pode escolher o que for mais apropriado, assim como marcar o hotel num leque que lhe é apresentado, com ou seu *bowling*, com ou sem campo de golf, e fica ainda a saber se há casinos perto, horários de serviço religioso, etc., etc. Um espanto!

A propósito de automação, disse António Pinto Ferreira na sua comunicação: Não é imaginável nos nossos dias aeroportos sem sistemas de informação automáticos, ou agências de viagem sem acessos de dados.

No sábado, dia 12 de Novembro, foi oferecido à Comunicação Social um almoço no Hotel Nélla, patrocinado por esta unidade hoteleira e agência de Viagens Turilis. Antes do repasto, Manuel Ferreira acompanhou os homens da comunicação ao terraço onde puderam observar as obras da piscina interior aquecida bem como os locais onde vão ser construídos 20 quartos e uma sala de squash.



NOVA GERÊNCIA

Calatrava

albergaria ★★★★★ R

Gasthaus ★★★★★
Bed and Breakfast ★★★★★

Rua M. Filza Júnior, 157 — Telef. 22011-27434 — Telex 33831 Latrav — 4900 VIANA DO CASTELO

PAGARAM A ASSINATURA

1988 - Manuel Dias Felgueiras, Barcelos, 500\$00; 1987 - Júlio Sá Pereira, Porto, 500\$00; 1988 - Dr. Mário Basto, Porto, 500\$00; 1988 - D. Ana Maria Vieira dos Santos, Fão, 500\$00; 1987/88/89 - Dr. José Novais, Fão, 1.500\$00; 1988/89 - Dr.ª Emília Georgina Carneiro, Porto, 1.000\$00; 1986/87 - Dr. Cândido Araújo Lamas, Espoende, 1.000\$00; 1988/89 - Dr. Mário Vale Lima, Vila Cova, 1.000\$00; 1988 - Prof.ª D. Zulmira Pinheiro Borda Rodrigues, Fão, 500\$00; 1989 - António Carlos Peixoto, Guimarães, 500\$00; 1988 - Prof. Mário Ramiro, Porto, 500\$00; 1988 - Artur G. Calafate, Fão, 500\$00; 1988 - Armando Jorge Reis, Fão, 500\$00; 1988 - D. Isolina Fonseca Gonçalves, Fão, 500\$00; 1987 - D. Maria Fernandes Fonseca, Brasil, 1000\$00; 1988 - Félix Leite, Brasil, 1.000\$00; 1988 - Manuel de Sá Leites, Fão, 500\$00; 1988 - ZJosé Ramos da Silva, Fão, 500\$00; 1989 - António G. Silva Morgado, Brasil, 1.000\$00; 1988 - D. Adelaide Gonçalves reis, Fão, 500\$00; 1988 - Dr. Norberto Manuel P. S. Mota, Fão, 500\$00; 1989 - Dr. Jorge Areias, Porto, 500\$00; 1989 - Jorge Guimarães, Fão, 500\$00; 1988/89 - João Silva, Espoende, 1.000\$00; 1987/88 - Prof.ª D. Maria Samarina Pereira, Espoende, 1.000\$00; 1987 - João Maria Nunes da Silva, Espoende, 500\$00; 1989 - Joaquim Marinho Santos Marques, Porto, 500\$00; 1986 - Samuel Vieira dos Santos, Espoende, 500\$00; 1988 - António Fonte Gaifém, Fão, 500\$00; 1986/87/88 - Farmácia Higiénica, Fão, 1.500\$00; 1989 - José Manuel Pires Belo, Fão, 500\$00; 1988 - António Francisco Trocado, Fão, 500\$00; 1988/89 - D. Elvira Pires de Carvalho, Fão, 1.000\$00; 1988 - Delfim Ferreira, Fão, 500\$00; 1988/89 - Dr. Sérgio Mendanha, Viana do Castelo, 1.000\$00; 1989 - João Luís Pereira Reis, Fão, 500\$00; 1989 - Raúl Lúcio Fonseca Viana, Fão, 500\$00; 1989 - António Gomes de Azevedo, Brasil, 1.000\$00; 1989 - D. Beatriz Brito Lacerda, Fão, 500\$00; 1989 - Dr.ª Rosália Fernandes Teixeira, Porto, 5.000\$00; 1989 - Adalberto Óscar P. Campos Morais, Porto, 500\$00; 1989 - Rui Laurentino Guimarães Pedrosa, Fão, 500\$00; 1989 - António Teixeira Dias, Fão, 500\$00; 1989 - Artur Sobral, Fão, 500\$00; 1988 - D. Maria Carolina Barrote Carrilho, Bragança, 1.000\$00; 1989 - Alfredo Palmeira Machado, Fão, 500\$00; 1988 - Cândido Casanova, Fão, 500\$00; 1989 - Evangelista Jesus da Silva, Fão, 750\$00; 1986 - Arlindo Cardoso, Fão, 500\$00; 1989 - D. Juditte Mota Pais, Fão, 500\$00.

RIOTUR

SOCIEDADE DE TURISMO DO PARQUE DO RIO, SA

Sede: OFIR/FÃO - ESPOSENDE

Capital Social: Esc. 6.000.000\$00

Matriculada na Conservatória Registo Comercial

Espoende sob o .º 55

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Convocatória

Nos termos previstos no Art. 376.º do Código das Sociedade Comerciais, convoco os senhores accionistas da Riotur - Sociedade de Turismo do Parque do Rio, SA, a reunirem na sua sede social, pelas 15 horas do próximo dia 25 de Março, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

- 1) Deliberar sobre o relatório de gestão e as Contas e também sobre o Relatório e Parecer do conselho Fiscal relativos ao exercício de 1988;
- 2) Deliberar sobre a proposta de aplicação de resultados;
- 3) Proceder à apreciação geral da administração e fiscalização da sociedade;
- 4) Tratar de quaisquer outros assuntos de interesse para a sociedade.

NOTA: Nos termos do Art. 384.º do código das sociedades, a cada acção corresponde um voto.

Ofir, 30 de Janeiro de 1989

O VICE-PRESIDENTE
DA ASSEMBLEIA GERAL

Arq. Júlio José Cardoso e Silva Oliveira

SECRETARIA NOTARIAL DA PÓVOA DE VARZIM

PRIMEIRO CARTÓRIO

CERTIFICO que, por escritura de 29 do mês corrente, lavrada a fls. 4, v.º, e seguintes, do livro n.º 167-A, de «Escrituras diversas» deste Cartório, foi elevado para 6.000.000\$00 o capital social da sociedade anónima «RIOTUR - SOCIEDADE DE TURISMO PARQUE DO RIO, S.A.», com sede no Pínhal de Ofir, na vila de Fão, do concelho de Espoende, matriculada na competente Conservatória do Registo Comercial sob o n.º 55, no livro C - um, e pessoa colectiva n.º 500 232 954.

O aumento de 4.000.000\$00 foi realizado na modalidade «incorporação de reservas» (parte da reserva de reavaliação ao abrigo do decreto-lei 430/78), e por carimbagem das acções existentes, multiplicando por três o seu valor nominal, pelo que as acções continuam a ser duas mil, mas o valor nominal de cada uma delas passa a ser de 3.000\$00.

Em consequência disso, foi alterada a redacção o art.º 6.º do pacto social, (apenas quanto ao seu corpo, pois os respectivos parágrafos mantêm-se inalterados), a qual passou a ser a seguinte:

«ARTIGO SEXTO — O capital social é de SEIS MILHÕES DE ESCUDOS, dividido em duas mil acções de três mil escudos cada uma.»

Está conforme o original, na parte transcrita e certificada.

SECRETARIA NOTARIAL DA PÓVOA DE VARZIM, em 30 de Dezembro de 1988.

O 1.º Ajudante,
a) Geraldo de Jesus

Dicionários EDITORA

A vasta coleção «Dicionários Editores» acaba de ser enriquecida com a publicação da 6.ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa. Uma obra inovadora para o nosso país, feita em moldes somente utilizados em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tanto em matéria geral, como de especialidade. Esta edição não só no aspecto etimológico, com muitos dados novos relativos à origem e evolução de cada vocábulo, que aumentaram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento do âmbito de palavras e locuções estrangeiras.

O Dicionário da Língua Portuguesa — 6.ª edição — é o mais desenvolvido de todos os do seu género, o mais correcto e o mais actualizado quanto a definições de termos técnicos e científicos.



PORTO EDITORA LDA. Rua de Restauração, 365/4038 PORTO CODEX
Livraria ARNADQ LDA. Rua do João Meirado, 9-11/Apart. 375/3007 COMBRA CODEX
EMP. L. FLUMINENSE LDA. Rua de S. João Nipomuceno, 8/A/1200 LISBOA

PINTO MIGUEL

SOCIEDADE DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS
DE CARGAS, LDA.

Rua do Farol, 155 - 1.º Tr.º — Telef. 672295 - 672450
Telex 25181 — 4100 PORTO

ARMAZENS:

Rua Roberto Ivens, 903 — Telef. 930647
4750 MATOSINHOS

FOLHA AGRÍCOLA

por A. RAMOS ASSUNÇÃO



CULTURA DO FEIJOEIRO

(Continuado do número anterior)

— Floração

- a) Temperatura mínima — 12.° a 15.° c
 b) Temperatura óptima — 15.:° a 20.° c
 c) Temperatura máxima — 30.° a 40.° c

5) PREPARAÇÃO DO TERRENO

O terreno deve ser convenientemente preparado de modo a que fique destorroadado

e esmiuçado para que se consiga uma boa cama para a semente.

Quando o feijoeiro é cultivado em canteiros e no caso de variedades de *pequeno porte* ou *rasteiras*, os regos devem ficar separados 60 centímetros uns dos outros e as plantas nas linhas de 40 em 40 centímetros.

Quando as variedades forem de *trepar* devem ser feitas linhas pareadas espaçadas entre si de 80 centímetros, ficando com um corredor de 1,20/1,50 metros entre cada conjunto de 2 linhas.

6) VARIEDADES

Nas variedades de feijoeiro temos de distinguir as seguintes características:

- Porte das plantas
- Côr das vagens
- Fios das vagens
- Precocidade
- Resistência às doenças e pragas

VARIEDADE DE FEIJOEIRO PARA CULTURA EM ESTUFA:

VARIEDADE	PORTE DAS PLANTAS	COMP. CENT.	SECÇÃO	CÔR
Vara	Rasteiro	12/14	Cilíndrica	Verde
Eagle	Rasteiro	14/15	Cilíndrica	Verde
Garrafal rabona branca	Rasteiro	15/20	Cilíndrica	Verde
Garrafal oro	De trepar	16/22	Achatada	Verde
Zondra	De trepar	22/26	Achatada	Verde
Buenos Aires	De trepar	15/18	Achatada	Verde

7) ESTRUMAÇÃO

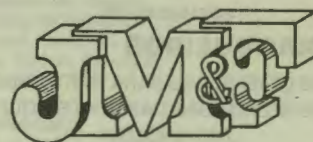
O estrume a utilizar deve ser bem curtido e tem de ser incorporado com devida antecedência em relação à sementeira.

Aconselha-se uma aplicação de 30 a 40 toneladas de estrume por hectare.

Não convém estrumações excessivas, nem com estrume por fermentar convenientemente pois estas situações são prejudiciais para a cultura.

Na falta de estrume curtido, convém usar o adubo orgânico «Estrela Adubo» à razão de 3000 a 4000 Kgs. por hectare.

JOSÉ GOMES AMORIM MARQUES & FILHO LDA



Adubos Químicos • Insecticidas
 Sementes Hortícolas • Batata de Semente •
 Importador Exportador

SEDE
 A-Ver-o-Mar ☎ 681765 PÓVOA VARZIM
 FILIAL
 R Filipa Borges ☎ 812199 BARCELOS

8) ADUBAÇÃO QUÍMICA:

O feijoeiro é muito exigente em *adubos azotados*. O azoto é imprescindível para se obterem boas colheitas sobretudo nas fases iniciais do desenvolvimento, especialmente se o tempo for frio. Esta cultura é também àvida de adubos potássicos. Quanto a adubos fosfatados é pouco exigente.

9) SEMENTEIRA:

Na cultura do feijoeiro usando variedades de *pequeno porte* o compasso entre plantas nos canteiros deve ser de 40 centímetros. Nas variedades de *trepar* o compasso entre linhas deverá ser de 70 centímetros.

No entanto aconselhamos para as variedades *rasteiras* um compasso entre linhas de 60 centímetros e de planta a planta nas linhas de 40 centímetros.

Quando se trata de plantas de variedades de *trepar*, o processo mais indicado é o da cultura em linhas pareadas separadas de 80 centímetros sendo a distância entre plantas nas linhas de 40 centímetros. A profundidade de sementeira deverá ser de ± 3 centímetros. São necessários ± 10 kgs. de semente para se semearem 1.000 metros quadrados.

As datas de sementeira ideais, isto é, para se obterem rendimentos económicos mais elevados devem ser feitas entre Novembro e Fevereiro.

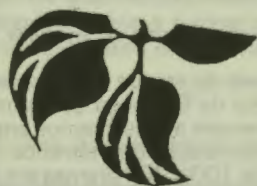
10) AMANHOS CULTURAIS:

Deve fazer-se uma sacha logo que as plantas nasçam.

O terreno deve ser mantido sempre limpo. Quando as plantas tiverem cerca de 15 centímetros de altura há necessidade de fazer uma amontoa. Duma maneira geral convém fazer-se duas ou três amontoas.

11) MONDA QUÍMICA:

É uma operação que se torna cada vez mais necessária nesta cultura atendendo aos elevados custos de mão de obra para se executarem as sachas e limpezas do terreno. Po-



BATATA SEMENTE
 DE ALTA QUALIDADE!
 PRODUZIDA NA HOLANDA!

COOPERATIVA OBTENTORA DE VARIEDADES MUITO PRECOSES - PRECOSES
 SEMI PRECOSES - SEMI TARDIAS E TARDIAS COM EXCELENTES
 CARACTERÍSTICAS PARA PRIMORES. CONSUMO. EXPORTAÇÃO E INDÚSTRIA:

DESIREE - JAERLA - BARAKA - MONALISA - EDZINA

VARIEDADES EXPERIMENTADAS EM PORTUGAL { - VERMELHAS: Asterix, Bartina,
 { Cleopatra
 { - AMARELAS: Berber, Concurrent,
 { Frisia, Mansour, Obelix, Ukama,
 { Van Gogh



DE ZPC: SOMOS A BATATA DE SEMENTE

Z.P.C. - PORTUGAL, LDA.
 Apartado, 259
 Telefax (034)311912
 3800 AVEIRO

(Continua na pág. 10)

(Continuado da pág. 9)



MULTIPLANTA

Sociedade de Fomento Hortícola, Lda.

VIVEIRISTA

PÉPINIÉRISTE

MORANGUEIROS

ÚNICOS DETENTORES PARA PORTUGAL DAS
MARCAS REGISTRADAS DAS SÉRIES DOUGLAS®
E CHANDLER®

(LICENÇA ZANZI-ITÁLIA)

ACTINIDIAS (KIWIS)

OUTRAS ESPÉCIES FRUTÍCOLAS

VIVEIROS DE MORANGUEIROS DE ALTITUDE
NA SERRA DA ESTRELA

PRODUTORES E EXPORTADORES

TELEF. 42197

3060 CANTANHEDE

dem ser aplicados herbicidas de 2 tipos nesta cultura ou sejam os de aplicação em:

- a) Pré-sementeira
- b) Pré-emergência

Os de pré-sementeira tem as seguintes matérias activas:

- a) Trifluralina
- b) E.P.T.C.
- c) Trialato

Os de aplicação na pré-emergência da cultura são:

- a) Monolinurão (Aresin)
- b) Metobromorão
- c) Dintramina

12) ROTAÇÕES:

Quando se pretendefazer uma rotação com o feijoeiro deve ter-se em conta de que:

- É melhoradora do solo
- É de crescimento rápido
- Tem um sistema radicular bastante superficial e fraco.
- É muito exigente em mondas.
- É exigente em adubos azotados
- Não deve ocupar talhões que a seguir se destinem a ervilha, fava ou feijão de novo.

13) REGAS:

Agradece regas na devida oportunidade e com frequência aconselhada, sem excessos, devendo a quantidade de água ser de modo que não haja encharcamentos.

Quando as plantas são novas, devem ter um baixo teor de humidade no terreno.

Convém regar dois a quatro dias antes da sementeira, para facilitar a germinação em boas condições.

A primeira rega após a sementeira só deve ser feita quando as plantas tenham a altura de ± 15 centímetros.

No início da floração o feijoeiro é muito sensível ao excesso e à falta de água no solo.

A frequência de regas em culturas de Inverno-Primavera deve ser com intervalos de 5 a 8 dias e nas culturas de Outono-Inverno de 12 a 18 dias.

É conveniente regar a seguir a cada

colheita de vagens. Deste modo, melhora-se a qualidade das vagens que irão ser colhidas a seguir e faz com que o desenvolvimento seja mais rápido nas que estão em pleno crescimento.

14) PODAS:

As podas são necessárias nas variedades rasteiras.

Nas de trepar são essenciais sobretudo em cultura em estufas. É benéfico a supressão de folhas, quando estas dificultam o arejamento e ventilação.

Na poda propriamente dita, as ramificações laterais que saiem do caule principal, devem ser despontadas pelo terceiro (3) ou quarto (4) nó, procedendo-se da mesma maneira nos rebentos que nascem dessas ramificações.

15) TUTORAGEM:

É uma operação indispensável sempre que se usem feijoeiros de trepar.

Na cultura em estufas deve usar-se cordas ou fios de plástico pois é muito mais económico e limpo. Deve pôr-se uma corda vertical por cada planta.

16) COLHEITA:

As vagens verdes devem ser colhidas antes de se tornarem perceptíveis pelo lado de fora. As sementes (feijões) quando se colhem antes de terem o seu tamanho normal a produção dum maneira geral não diminui, pois dará origem a um aumento de floração.

Quando o corte se faz depois de passar a maturação comercial as vagens perdem muito o seu valor, pois formam-se fios e o pergaminho fica mais consistente.

Na colheita as vagens vão sendo lançadas para cestas, ou baldes à medida que são colhidas.

Destas passam para sacas ou grades. As colheitas devem ser feitas com o máximo cuidado.

Nas variedades de trepar as produções andam à roda de 2,5 a 3,5 Kgs. por metro quadrado. O tempo que vai desde o apareci-

TECNICANTO

- ESTUFAS E EQUIPAMENTOS
- SISTEMA DE REGA E AQUECIMENTO
- SEMENTES E AGRO-QUÍMICOS
- ALPORQUES, BOLBOS E ESTACAS
- MOTORES E ALFIAS AGRÍCOLAS
- PLÁSTICOS E PERSINTAS
- TELAS E FIOS
- MÁQUINAS PARA FLORES E OUTROS

DIREÇÃO TÉCNICA:

ANTÓNIO MANUEL DA ROCHA LEBRE
engº técº agrº

MORADA: TELEFONE:

Rua do Sul (034) 32 12 91
Gafanha de Aquém

3830 ILHAVO

mento dum flor até à colheita da respectiva vagem ronda os sete (7) a doze (12) dias.

17) DOENÇAS:

O feijoeiro não foge à regra e é atacado por algumas doenças. As principais são:

- a) Podridão (Sclerotinia)
- b) Antracnose (Colletotrichum)
- c) Botritis (Botrytis cinerea)
- d) Fusariose (Fusarium Solani)
- e) Oídio (Erysiphe polygoni)

a) Podridão (Sclerotinia):

A seguir à emergência das plantinhas pode aparecer uma lesão aquosa junto aos nós dos cotilédones. Podem aparecer lesões semelhantes nos outros órgãos das plantas adultas. As lesões recobrem-se com rapidez de um micélio branco, que apresenta um aspecto felpudo.

As folhas amarelecem e acabam por murchar.

Nas fases finais do ataque formam-se nódulos do tamanho de um nago de chumbo.

Como tratamentos aconselhamos em primeiro lugar a desinfecção dos terrenos com Derosal à razão de 100 a 200 gramas em 100 litros de água aplicados em pulverização.

As plantas podem também ser tratadas com produtos à base de Cobre ou de Zinco.

b) Antracnose (Colletotrichum)

Na página inferior das folhas aparece um necrosamento ao longo das nervuras que chega a atingir uma largura de 2 ou mais milímetros.

Nos caules aparecem umas manchas negras de forma oval.

Nas vagens as manchas são arredondadas, profundas e com cerca de 7 milímetros e de coloração escura. encontram-se cobertas de pústulas pequenas e rosadas.

As sementes procedentes das vagens atacadas podem transmitir a doença.

Como tratamentos, aconselhamos:

- 1.º - O uso de variedades resistentes.
- 2.º - Como tratamentos químicos poderão usar o KOR 80 à razão de 250 gramas em 100 litros de água aplicados em pulverização.

Podem também ser usados produtos à base de cobre como o VITIGRAN.

estrela adubo
FÁBRICA DE ADUBOS ORGÂNICOS, LDA
ADUBO CORRECTIVO ORGANQUÍMICO

Composição:		Fertilizante completo com 45 unidades por grama	
Nitrogénio (N)	20	20	
Matéria orgânica (M)	20	20	
Acidez total (AT)	2,0	2,0	
Fósforo P ₂ O ₅ (P)	2	2	
Potássio K ₂ O (K)	2	2	
Calcio (Ca)	20	20	
Mg	0	0	
Cin. 17-23	0	0	

ESTAMOS DESENVOLVENDO A MINHO CULTURA
CONSULTE-NOS

Est. N.º 2 MUNA - LORDOSA
Telex 53288 Adubos P
Tel.: (032) 91282 - 91283
Apart. 46 Viseu 3500 VISEU

50kg KILOS

O MUNDO EM QUE VIVEMOS

OS MENINOS PARTILHADOS

Recentemente, durante uma viagem de comboio, tivemos ensejo de escutar o diálogo travado entre mãe e filha, ocupantes do banco em frente ao nosso.

A mãe teria pouco mais de trinta anos. Vestia discretamente, mas com gosto. No rosto sem pinturas, um certo ar melancólico e distante. A filha, talvez dez anos, uns dez anos sossegados e reflectidos, talvez mais sossegados e reflectidos do que seria próprio de tão pouca idade.

Dizia ela, envolvendo a mãe num olhar de profunda ternura: — «Sabes Mãezinha, ainda há pouco foi Natal e já estou ansiosa pelas férias grandes, para irmos para casa do Avô. Vai ser tão bom podermos merendar nos pinbais brincar com o «Boby», dar de comer aos coelinhos!»

O olhar da mãe ensombrou-se. com muita cautela, para não a magoar, respondeu devagarinho, afagando-lhe a mão: — «Olha, Geninha, tem-me esquecido de te dizer, mas este ano dão as férias só em Julho e esse mês, como sabes, pertence a teu pai. tens de ir passá-lo com ele.»

A miúda encolheu-se. Foi como se envelescesse, repentinamente. O olhar carregou-se-lhe de uma expressão precocemente adulta e amarga.

— «Que raiva!» — desabafou. «Vai ser outra vez a mesma coisa: o apartamento no Algarve, as idas à praia cheia de gente barulhenta, o pai e «ela» sempre à volta do menino, que de mim ninguém faz caso, a não ser para me lembrar que, como irmã mais velha, também tenho de me ocupar dele!»

E concluiu, depois de breve pausa e reflexão: — «Não há direito! Porque é que sou obrigada a ir contra vontade para quem não quero e não me deixam estar onde eu gosto e com quem eu gosto?»

A mãe não respondeu. Só uma leve crispção lhe alterou a serenidade do rosto. E a pergunta ficou a pairar no ar abafado, por entre o ruído monótono do comboio.

★

É certo que por vezes a vida de um casal

se torna insustentável e a separação ou o divórcio surgem como solução inevitável. É igualmente certo que, quando os pais separados não chegam a acordo acerca da guarda dos filhos, é o Tribunal de Família quem tem de decidir. Daí que muitos jovens tenham as suas vidas partilhadas, vidas divididas entre o pai (e eventualmente «ela») e a mãe (e eventualmente «ele»).

Que consequências pode esta situação trazer para esses filhos? A falta de estabilidade devida a terem de andar de um lado para o outro, que gera insegurança, a obrigatoriedade de contactarem e de viverem sob o mesmo tecto com pessoas de quem não gostam, traumatiza.

E ficamos a meditar, cá com os nossos botões: não seria preferível que os pais separados, quando surgem situações semelhantes à da Geninha, pusessem a felicidade dos filhos acima dos seus direitos legais, e os deixassem permanecer onde se sentem felizes e com quem gostam de estar? Acima da decisão judicial não deverá colocar-se o bem dos filhos — que são as grandes vítimas, não deverá abdicar-se por vezes de um direito para preservar a estabilidade física e emocional das crianças, condenadas sem culpa a explorar erros que não foram seus?

Aqui deixamos a interrogação. Em defesa de todas as «Geninhas» que existem por esse mundo além.

E. REAL

AUMENTE O SEU COLESTEROL!

Vamos lá mais uma vez ajudar à subidinha do colesterol? Para isso aqui fica a receita do

BACALHAU ALBARDADO

Depois de demolido o bacalhau, coze-se, limpa-se de peles e espinhas e corta-se em lascas delgadas.

Envolvem-se essas lascas em farinha de trigo, ovo batido e salsa picada muito miudinha e deitam-se na certã, onde o azeite já deve estar a ferver, deixando fritar.

Depois de frito, serve-se acompanhado de esparregado.

E para a sobremesa, mais um pudim: o

PUDIM DE LARANJA

Laranjas grandes — 2.

Ovos inteiros — 6.

Açúcar — meio quilo.

Batem-se os ovos com o açúcar durante cerca de meia hora. A seguir, junta-se o sumo, das 2 laranjas e a raspa de uma.

Mexe-se um pouco, para misturar e deita-se numa fôrma untada com açúcar queimado.

Coze-se em banho-maria.

E por hoje, está cumprida a missão.

Um abraço da

TIA MARIQUINHAS.

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORAM NESTE NÚMERO

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 500\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através dos Correios será por conta do assinante.

MORTE POR AFOGAMENTO

Como os jornais noticiaram em devido tempo, no dia 9 de Janeiro, desapareceu de Fão, sem deixar rastros, Rosália da Silva Gageiro, de 86 anos, casada com Norberto António Fernandes, mais conhecido pelo António Lapa Pinta. Os familiares, bombeiros e muitas outras pessoas procuraram-na exaustivamente, nesse e noutros dias, sobretudo na margem esquerda do Cávado, uma vez que a desaparecida costumava passear com bastante assiduidade para aquelas bandas.

Foram chamados os homens-rãs pois presumia-se que tivesse caído ao rio e arrastada para alguns poços. Houve de facto quem visse umas roupas a flutuar mas pensou-se que não passaria de roupa caída às águas. Roupa que se põe a secar.

Passaram-se os dias e o desespero da família aumentava. O que teria acontecido? Chegou-se a falar em rapto e outras coisas mais.

Afinal o misterioso desaparecimento esclareceu-se no dia 25. Um arrastado da Corunha viu um cadáver no alto mar e levou-o para aquela cidade galega. O Comissário da Polícia que estava de serviço revistou-lhe os bolsos e encontrou um portá-chaves onde se lia Hotel Ofir. Resolveu então telefonar para aquela unidade hoteleira a perguntar se alguma pessoa tinha desaparecido na terra. Tudo se esclareceu afinal, pois um neto da falecida, João Luís, é um dos sub-directores daquela unidade hoteleira. Presume-se que a malograda Rosalina tenha caído à água e arrastada pela maré vazante para o mar.

Depois foi o contacto com a família e a identificação do cadáver através das roupas. Inexcedíveis de atenções foram as autoridades espanholas para com os familiares.

O funeral da nossa conterrânea realizou-se no sábado, dia 28 e constituiu uma grande manifestação de pesar.

A toda a família «O Novo Fanguero» apresenta sentidos pêsames.

LongaVida



o que é bom da natureza

O CARNAVAL EM FÃO

— CRIANÇAS DE TODAS AS IDADES BRINCAM AO FAZ-DE-CONTA —

Domingo à tarde. Muita gente. Da terra e visitantes. Familiares e amigos. Todos querem ver passar o cortejo das professoras, dos alunos, dos pais, dos amigos. Carnaval-escolar em Fão pegou. Ganha raízes. Faz cartaz sem copiar. É original. É revisteiro. tem texto, tem poesia, tem piada fangueira para fangueiro, e não só, entender.

«C'andamos a cadilhar o fiscal que finta o fisco».

Correu as ruas de Fão. Juntou-se uma pequena multidão que fez cordão para ver e ler: «Quem tem filhos, tem «Cadilhes», quem compra casa «Cadilhes Tem».

Saiu tractor alegórico, botando água na fervura do rio Cávado: «Queres cama p'ra te deitar? Vai ao rio procurar» e como uma só era pouco, meia-dúzia vão chegar: «Tens medo do frio? Meia-calça há no rio». E esta?

— «A tua fossa está por um fio? Liga-a ao rio?»

Afinal «O Quim de Fão» não está só e mais leu:

— «Não tens fogão? Vai ao rio... pois então?» E ainda «Não tens que calçar? Vai ao rio buscar.»

Um cheirinho ao Fão antigo, ao teatro de revista, reviveu-se nesta piada ingénua: «Para quê, tanta fita? Vai ao rio... e traz a sanita.»

Estas professoras são fangueiras! também têm veia e vai daí «descalçam a meia» e botam «reformadas» com calos e tudo.

Quem havia de dizer que se não esqueciam do roberto? E como carneiro não havia, vai «ovelha» do diabo que o «carneiro» está enjaulado.

Todos riam, com o Carnaval trapaceiro quando um desfile dos «meninos» passou e para não muito magoar «Só em Fão isto acontece/E bem ao jeito fangueiro/Não há casa p'ra ninguém/Só p'ros pobres com dinheiro».

Estes partiram o «côco» ao Tim-Tim: «Se o mercado foi um sonho/Isso agora não importa/Talvez este ano o construíam/Estão as eleições à porta».

E não se ficaram por aqui os papás «Ó Rodas, ó linda Rodas/Ó Rodas, meu mercadinho/És feito sem demoras/P'ra enganar o Fangueirinho.»

E mais... querem ler?

«Prometeram tanto, tanto/Afinal, nada cumpriram/Fizeram casas p'ros pobres/Aos ricos é que saíram».

E a piada mais directa, também não faltou: «Lá diz o bom jogador/Ora vou jogar p'ra ver/Mas p'ras obras do salão/Estão quinze mil a render.»

«E como é Carnaval/E dia de fantasia/A culpa é da Fabriqueira/Ou da Junta de Freguesia?»

Às escolas, juntaram-se os outros esclarecimentos da localidade: Infantário da Santa casa; pré-Primária e atrás os «ro-

meiros» que nunca faltam nestas ocasiões.

A brincar... a brincar, foi uma tarde de boa disposição, de muita gente e por que não de folia?

À atenção da Comissão Municipal de Turismo e da Junta de Freguesia para que invista, nos próximos anos, nesta iniciativa. As ruas poderiam apresentar um arraial e música popular, com alguns foguetes à mistura. Os hotéis também poderiam colaborar, colocando nos seus programas esta iniciativa e a Sopete, no seu orçamento, não poderá esquecer que Ofir é Fão. «Vir buscar e nada dar... só aqui ou no mar».

P'ro ano há mais. parabéns, reformadas... sem reforma. Esta é para as organizadoras.

Do QUIM DE FÃO

★

Mas o número mais pitoresco aconteceu na noite de Terça-Feira Gorda. Um curioso e estranho cortejo percorre as ruas de Fão. São meia dúzia de casas em miniatura e semelhantes às do bairro novo que se passeiam pelas ruas suportadas por homens que estão metidos dentro delas. O tan-tan de dois tambores abre o cortejo. Um bispo de mitra e báculo segue incorporado. É para a bênção das casas. Estas ficam alinhadas frente ao Clube Fãozense. Muita gente. Há um certo *suspense*. Parece que se espera alguém. De repente ouve-se o apito de motocicletas. São dois batedores de capacete e blusão fluorescente que surgem dos lados do Bom Jesus e que fazem gestos ao público para abrir alas. Abrir alas a quem? A um carro igualzinho ao da Presidente da Câmara de Esposende, um Citroen escuro, que entretanto desemboca no largo.

Dele sai um motorista impecavelmente vestido, à moda do sr. Ferreira. Pressuroso, abre as portas a três personagens que pelos gestos (beijos e acenos com a mão) se parecem com a Presidente da Câmara, Presidente da Junta e Presidente da Assembleia Municipal (Ro... Maria).

Ouvem-se palmas, muitas palmas. O bispo abençoa as casas... com o turíbulo, lançam-se as chaves ao ar e de novo se levanta a «procissão» a caminho das ruas do vulgo.

(Uma organização dos Bombeiros Voluntários de Fão, sob o comando do Zé Artur e do Comandante Pieira).

Muita originalidade, alto nível e *charge* a propósito. Como se sabe, o assunto mais polémico hoje em dia na terra prende-se com a distribuição das casas do bairro recentemente construído. O evento foi agora chalaceado com graça.

VÁRIAS NOTÍCIAS

— Encontra-se internado no Hospital de Braga, Francisco Ramos Saraiva, residente na Rua Serpa Pinto, que foi atropelado por um automóvel, na estrada nacional n.º 13, junto às «tomadias».

★

— Vítima de acidente no trabalho, faleceu na Bélgica o nosso conterrâneo Jorge Manuel Morgado Neto. Tinha 21 anos.

★

— No dia 28 de Janeiro realizou-se a Assembleia Geral Ordinária da Santa Casa.

O montante anual da despesa e receita abrange já os 150.000 contos. É um número considerável.

★

— O que se passa com as aulas de guitarra e violão?

★

— O terreno do Bom Jesus (ex-Miguel) sempre é da Junta ou não? Por que se espera? Por que não vai o muro abaixo?

CARTA DE LONGE

A DIFERENÇA DO TEMPOS

Prezado Armando

Eu sou saudosista.

Lendo o «Perfil do mês» de Dezembro em que muito bem retratas a figura popular da BELMIRINHA CALAFATE, eu fico analisando a diferença da maneira de viver de antigamente em comparação aos dias de hoje.

Antigamente as pessoas exerciam os seus conhecimentos em benefício dos outros, por prazer, por desporto, por amizade, por dedicação.

Hoje, verifica-se que qualquer indivíduo, antes de iniciar sua tarefa, logo quer saber: — quanto vou ganhar???

Então fico pensando como era possível

(Continua na pág. 2)

AVENÇA



PORTE PAGO

«O NOVO FANGUEIRO»
FÃO